



***REPRESENTAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NOS CEMITÉRIOS:***<sup>1</sup>  
**CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE/RS**

Egiselda Brum Charão<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto tem por objetivo problematizar a utilização de símbolos e imagens no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, elaborados com o intuito de dar sentido ao vivido e manter a memória individual após a morte. Através da investigação se buscará compreender como essa construção se fundamenta nas narrativas e nas práticas sociais, perpassa a sensibilidade e povoa o imaginário coletivo da sociedade historicamente constituída.

**Palavras-chave:** Representação. Cemitério. Profissões.

A pesquisa cemiterial afigura-se como uma área nova de análise no Brasil, tanto do ponto de vista histórico-cultural, quanto arquitetônico e patrimonial, cujo interesse iniciou-se com Clarival Valadares, no estado da Bahia, na década de 1960, com o cadastramento e descrição de túmulos baianos. No Rio Grande do Sul, os primeiros passos foram ensaiados pelo Frei Rovílio Costa, efetuando algumas publicações relacionadas aos imigrantes italianos e alemães. A pesquisa se consolidou a partir da dissertação de Mestrado do Professor Harry Rodrigues Bellomo, em 1988. Desde então, o trabalho é efetuado por um grupo de universitários e graduados da PUCRS, também por estudantes de outras universidades do país.

Do projeto alavancado pelo Professor Bellomo, foram publicados vários artigos no Brasil e exterior, resultando na obra *Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte sociedade e ideologia*. Conforme palavras do professor Bellomo, as sociedades projetam nos cemitérios seus valores, suas crenças, suas estruturas socioeconômicas e suas ideologias, portanto nesses espaços pode-se observar que

ao longo tempo, as sociedades humanas estão em constante transformação e os cemitérios constituem-se vestígios a céu aberto que propiciam aos

historiadores interpretações históricas dessas sociedades. São fontes escritas e não escritas para a reconstrução do passado, pois viabilizam a compreensão das relações sociais que se desenvolvem continuamente dentro de determinado grupo social (Bellomo, 2000, p.15).

Assim, esse artigo tem por finalidade comunicar o início da investigação sobre as representações do trabalho nos cemitérios do Rio Grande do Sul, enfocando o cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Constarão no texto uma parte introdutória sobre metodologia utilizada, uma síntese da evolução do trabalho, dos ofícios e profissões, uma reflexão sobre o corpus documental e por fim as considerações. A metodologia utilizada partiu da escolha de um *corpus* composto pelo registro de imagens alusivas ao trabalho, através das roupas nos retratos, das designações escritas, da utilização de símbolos nas lápides, das esculturas tumulares, e das homenagens alusivas a profissão e ao trabalho do morto. Também foi procedida uma leitura de bibliográfica relativa ao tema e consulta em *sites* sobre o assunto.

A análise das imagens foi amparada nos conceitos de representação, narrativas, memória e práticas sociais encontradas na obra de Roger Chartier, que propõe o conceito de representação, em dois sentidos: “o particular – a representação como dando a ver uma coisa ausente. Outro sentido é o público - a representação como exibição de uma presença, apresentação pública de algo ou alguém”(CHARTIER, 1987, p.20). Evoca-se também a obra da Prof. Sandra Jatahy Pesavento, que afirma que “cultura e representações, tal como a sensibilidade, não podem estar distantes do conceito de memória. Tal como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória também recupera, pela evocação, imagens do vivido” (PESAVENTO, 2008, p. 15).

Utilizou-se o cemitério da Santa Casa como fonte histórica, pois este viabiliza a busca e a compreensão por sua propriedade evocativa em várias áreas do conhecimento tais como: formação étnica, estudo da genealogia, memória familiar e da comunidade, crenças religiosas, ideologia política, arte, evolução econômica da população local, perspectiva de vida, e posicionamento da população perante a morte. Evidentemente que todas essas possibilidades devem ser investigadas,

levando em conta que a memória coletiva é fundamental para a formação da identidade e da coesão da família ou da comunidade, a análise das inscrições, fotos, datas, títulos (doutor, comendador, etc.) e dados pessoais ou profissionais, nos leva a conhecer a atuação das várias gerações e o processo histórico local. (Bellomo, 2000, p. 16).

Outro ponto a ser considerado é que no mundo dos vivos os homens são agentes históricos, são eles que produzem as fontes, construindo por meio delas signos e significados para dar sentido à vida de outros homens. Dessa forma imprimem nas lápides suas impressões a respeito dos mortos. Essas impressões, que podem ser um sinal, uma imagem, palavras ou escultura, darão valor ao diálogo e à narrativa. Assim os homens buscam formas de representar sentimentos, sonhos, aspirações e sensibilidades norteadoras da sociedade histórica dentro de um determinado espaço geográfico. Dentre as construções imaginárias, inserem-se os signos relacionados ao mundo do trabalho e o papel das profissões numa visão antropológica.

Tão antigo quanto o homem, o trabalho passou por várias fases - desde a escravidão, o sistema servil, as corporações de ofício, a revolução industrial e a valorização do trabalho humano, até o cristianismo. Após a Encíclica Rerum Novarum, de 1891, o trabalho passou a ser considerado, não como uma mercadoria, mas como um modo de expressão direta do homem. Entre os historiadores vários conceitos são elaborados sobre o trabalho, que pode definido de modo geral como a atividade onde o homem aplica seu esforço físico ou intelectual para alcançar os seus fins, isto é, o bem comum. Nesse esforço, o desempenho de determinadas atividades, dentro da sociedade, exige um lugar comum que o identifique. Esse lugar pressupõe um saber-fazer partilhado por alguns homens e mulheres que através dos séculos vai se modificando cotidianamente.

Então, pode-se dizer que as atividades profissionais permanecem, desaparecem e se transformam em função das necessidades reais ou imaginárias que as sociedades historicamente possuem ou criam. Portanto o lugar das profissões está ligado às transformações do mundo do trabalho, que é determinado pelas relações sociais que constituem identidades distintas. As pessoas escolhem para suas vidas determinadas profissões dentro de uma ética e um acordo de valores e ritos sociais que as identificam e marcam seu lugar na sociedade pela vida inteira. Muitas vezes estas escolhas acompanham as pessoas após a morte, e ficam guardadas na cidade velada – o cemitério.

A idéia de vida após a morte está expressa claramente na lápide do remador (figura 01), confeccionada em mármore branco de forma artesanal. Nela foi esculpida em baixo relevo um barco a remo, que parece estar navegando sobre as águas numa subida ao céu dando a impressão que a embarcação se funde às nuvens. No topo do conjunto, acima do barco, está o busto do remador levando ao peito as medalhas das conquistas. À direita e acima do conjunto repousa uma grinalda que parece estar assinalando o caráter transcendente de

uma realização bem sucedida. Por outro lado, pode estar simbolizando o acesso a um nível e às forças superiores.

Deve-se procurar entender uma reprodução imagética dentro do contexto de sua elaboração. Entre as décadas que vão de 1910 até 1930, o remo era um dos esportes onde se sobressaiam os jovens gaúchos. Desde realização da “Regata Imperial”<sup>3</sup> em 1865, foram fundados diversos clubes e regatas voltados para o remo. Os precursores foram os imigrantes alemães que criaram em 1888, a primeira associação do remo de Porto Alegre, chamada “Ruder Club Porto Alegre”. Desde então ocorreram competições diversas. Em 1920 foi realizado o primeiro campeonato acadêmico e, em 1921, ano da morte do remador Julio Rubbo, realizou-se o campeonato estadual e o Clube de Regatas Tamandaré sagrou-se vitorioso.

O trabalho artístico da lápide sugere que o remador vai prosseguir sua carreira de vitórias, efetuando na eternidade, junto aos deuses, a mesma atividade que executava na terra. Claro que esta é ou pretende ser a idéia de quem mandou executar a obra - os familiares. Também a intenção deve ser pensada, pois o espectador evocará através da obra imagens mentais por meio de um imaginário construído historicamente.



**Figura 01-** Remador, médico

Por outro lado, observa-se também na construção imagética (figura 01) a representação de um jovem estudante de medicina, juntamente com os atributos da profissão - a taça, a cobra<sup>4</sup> e o livro<sup>5</sup>-os atributos cristãos da morte edificante - a palma, a árvore quebrada e as flores<sup>6</sup>. A inscrição na lápide, que é uma homenagem “dos estudantes e do povo”, afirma que o jovem foi assassinado em 14 de julho de 1915. Nessa época, em Porto Alegre era percebida a explosão imobiliária com a reformulação arquitetônica da área central e construção de novos prédios, dando destaque aos profissionais da engenharia<sup>7</sup> (figura 03). Em seguida, a cidade vê os investimentos em imóveis decaírem sensivelmente, provavelmente

como reflexo da II Guerra Mundial. Ao mesmo tempo ocorrem transformações nas questões de saúde do estado que irão se refletir nas escolas de medicina<sup>8</sup> da capital gaúcha.

Com base na informação acima, o símbolo utilizado na lápide do estudante de medicina (figura 01) remete à época em que a medicina e a farmácia atuavam articuladas dentro da sociedade. Também no imaginário popular fundamentou-se a premissa de que ao médico era atribuído um grau de responsabilidade vocacional onde era, além de confessor, o curandeiro e o parteiro por várias gerações. A condição vocacional constata-se na inscrição central<sup>9</sup> (figura 03), existente na lápide acompanhada de uma carga de signos elucidativos, que anunciam as qualidades do Dr. Ernesto Álvaro Pereira, falecido no ano de 1808, em Porto Alegre. A relevância do saber fazer, ou o exercício da medicina precede os símbolos, portanto um futuro médico assassinado era algo que provocava repúdio social.

A lápide do jovem estudante sugere uma exibição pública, isto é, a representação de uma pessoa acompanhada dos signos ou atributos qualificativos. Um ator social que se distingue dos demais por suas qualidades profissionais, foi assassinado e isso causara comoção e mobilização naqueles que se identificavam com o jovem morto: outros estudantes de medicina e o povo a quem supostamente o jovem serviria futuramente no exercício da profissão de médico. Já o túmulo do Dr. Ramiro Frota Barcellos (figura 03),<sup>10</sup> enuncia nominalmente, pois a denominação já o representa. O próprio nome assume a categoria de símbolo, uma vez que através dele se busca na memória ligações com outras imagens que povoam o imaginário popular local. Entre estas ligações estão: nome de rua, obras literárias, tradicionalismo, história, formação militar, etc.



**Figura 02** - Militares graduados



**Figura 03** – Professora, médico, engenheiro, desembargador, advogado

A partir desse mesmo imaginário surgiu, em Porto Alegre, uma sociedade hierarquizada, regida por códigos que remontam à tradição militar e que pode ser observada no conjunto de fotografias (figura 02). Isto se manifesta mais fortemente nas décadas de 30 e

40. Foram desenvolvidos nestas décadas projetos pedagógicos para a formação do cidadão-trabalhador. Um em particular se ocupou do lazer e do tempo livre dos pobres e trabalhadores da cidade - o das Forças Armadas. Formar o cidadão-soldado e operar a interpenetração entre povo e Exército, de tal maneira que essa junção seria a pré-requisito para que

o triunfo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e física obrigatória. ( SCHWARTZMAN, 1984, p. 67)

Este pensamento relativo à República Velha está registrado no cemitério e porta uma simbologia patriótica relativa à construção da nacionalidade, onde o exército é o representante da pátria e seu logotipo está nas medalhas, uniformes, denominações: coronel, tenente, tenente-coronel, etc. A coletividade é marcada pela ideologia do cidadão do povo. Vale lembrar que, para Porto Alegre, vinham jovens do interior almejando o diploma da faculdade de direito<sup>11</sup>. Grande parte dos estudantes que mudaram para a capital por volta de 1910, para concluírem seus estudos, traziam em suas bagagens a vivência do campo, que haviam deixado para trás.



**Figura 04** – Art. Plástico, músicos  
Advogado

O esforço em transplantar os costumes rurais para a cidade surgiu como consequência do sentimento nostálgico que foi ocasionado pela sensação de não pertencimento, de não-lugar.<sup>12</sup> Neste contexto, apareceram as primeiras manifestações tradicionalistas que, através da produção literária, artística e folclórica, ganharam projeção nacional e se incorporam os ideais da Semana de Moderna, que valorizava as peculiaridades regionais. O movimento cresceu e atingiu o auge em 1970. Participaram do movimento advogados e juízes de tribunais superiores de apelação (figura 03), chamados de desembargadores e também profissionais de todas as áreas da sociedade.



Nota-se que a profissão balizava todas as atividades dos homens na comunidade onde viviam. Constata-se isso no excerto da Saudação de Artur Ferreira Filho, em 1954, quando Ramiro Frota Barcellos ingressou na Academia Rio-Grandense de Letras. “Sr. Frota Barcellos, à vossa intensa atividade profissional, onde no exercício da nobre arte de curar, praticais um alto sacerdócio, devolvendo a saúde aos sofredores, semeando a esperança entre os aflitos”(FILHO, 1993, 228). Essas palavras demonstram o caráter vocacional do profissional da saúde.

Até bem pouco tempo, para ser advogado, presumia-se uma moral e uma ética pré-concebida. Princípios fortalecidos desde a infância até a vida de adulto na convivência familiar que acompanhariam o profissional durante exercício da profissão. Isso estava incutido na mentalidade do povo, “assim como se supunha que o advogado provaria a inocência do réu que fora preso injustamente”. Claro que esta é uma visão romântica do profissional. Com a multiplicação dos cursos de direito, o mito do advogado salvador caiu por terra. Em seu lugar surgiu o advogado que relega a ética para um segundo plano, exercendo função burocrática fora do ramo e visando tão somente a estabilidade financeira e profissional.

Essa mudança de paradigma na profissão é percebida também no cemitério. Onde antes apenas a toga e o signo da profissão representavam o profissional (figura 03), hoje, além destes aparados, faz-se necessário uma afirmação por escrito como por exemplo: “*Adv. Dr. Santino Nicanor*”(figura 04). A tendência familiar do “profissional” que “partiu” é reafirmar sua identidade mesmo após a morte, mostrando-o ao observador, como uma figura de importância da sociedade em que se inseria e essa idéia perpassa a condição vital.

Outra classe de trabalhadores que merece especial atenção são os artistas plásticos, que constroem seus mausoléus-arte como forma de prolongar a condição de ser vivente e se eternizar na memória. Iberê Camargo, por exemplo, teve o seu ofício artístico assinalado pelos carretéis, pelas formas e pela cor ferruginosa predominante se auto-representa em sua tumba. Mostra-se sem se mostrar. Revela-se nas interrogações e no vazio do silêncio. Por sua vez, os artífices musicais exibem seus instrumentos evocando suas qualidades musicais, portando também nas vestes seus signos de referência (figura 04).

Os instrumentos, roupas e partituras que simbolizam a musicalidade por sua vez evocam sons, vozes, risos, e danças. Também fazem lembrar os concertos no Teatro da Ospa e no Teatro São Pedro, as bandas no baile municipal, a elite ricamente trajada, os saraus poéticos. Eles falam também da cidade efervescente de óperas e da Cia. Lírica Italiana, em 1929 e lembram a Porto Alegre de Bidu Sayão. Olhar além do que vemos nas fotografias é

abraçar um tempo de memória guardado no baú das lembranças. Aliam-se a eles, os mestres do conhecimento, ou seja, os professores (figura 03).

Escolher a profissão de professora, vista como uma vocação sacerdotal, era tornar-se detentora de saberes para reproduzi-los como preceitos de vida. Significava ensinar para outras gerações as normas formadoras de caráter. Significava ser respeitada no meio onde vivia porque, como mestra, introjetava e projetava a luz do saber ensinadas nas primeiras letras, matemática, geografia, etc. O título sugeria a uma relação de confiança e transmissão de conhecimento. Essa ideia povoa o imaginário, mas não brinda a construção da dignidade do profissional de ensino nem as necessidades individuais e coletivas da classe profissional.

Pondera-se nestes dois parágrafos finais que a profissão escolhida por alguns homens e mulheres é como um estigma – os acompanhará pela vida e após a morte. Os familiares, com a finalidade de manter esse lugar social preservado e vivo no imaginário, procurarão edificar uma memória do morto que pretende ser eterna. Essa produção é realizada por outros profissionais como escultores, fotógrafos, comerciantes, orientadas por entes da família. Também é necessário observar que a memória se cria a partir dos que contemplam e constroem uma ideia mental a respeito do morto, partindo de conceitos ideológicos, já formulados, que irão determinar a intencionalidade na elaboração do túmulo. Percebe-se essa ideia de perenidade da memória na lápide do remador, dos médicos, dos militares, dos homens ligados ao direito, do artista plástico, dos músicos, da professora, do engenheiro.

Algumas dessas imagens são materiais e semelhantes, como as fotografias e medalhas que reproduzem a face do morto com a finalidade de rerepresentá-lo ao observador. Outras pensam o registro de forma simbólica, pois representam a moral, a ética e trabalho que identificam, apresentam e edificam o morto. Como exemplos, estão nos túmulos, as inscrições com as designações nominais, a simbolização das profissões, as esculturas denotando o ofício artístico, os enunciados lapidados nos monumentos que se apresentam para reafirmar a memória do morto e o imaginário social da profissão e do trabalho.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pelo professor Mestre Harry Rodrigues Bellomo e Co-orientado por Daniel Teixeira Meirelles Leite, Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-Graduado em Desenvolvimento Regional- Patrimônio Histórico e Cultural pela URCAMP-Universidade Regional da Campanha. Revisão Gramatical foi realizada pelo Prof. Dr. Gilberto Scarton da FALE-Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Graduanda pela PUCRS.



<sup>3</sup> A Regata Imperial , foi realizada em homenagem ao imperador D. Pedro II, quando este regressava da Guerra do Paraguai. O programa da competição incluiu “carreiras” para escaleres, guigas, botes à vela e canoas de duas pás. A disputa ocorreu entre remadores de Rio Grande e Porto Alegre, sendo vencedora a “guarnição dos hamburgueses” de Rio Grande, que recebeu medalhas de ouro entregue pelo Imperador. FRANCO, Álvaro, Org. Porto Alegre – Biografia duma cidade. Livro comemorativo do Bicentenário da fundação da cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940. p.643

<sup>4</sup> Este símbolo é a taça de Higiéia. Na mitologia grega Hígia era a filha de Esculápio, deusa da saúde, limpeza (daí a raiz da palavra higiene) e da sanitariedade. Estava associada à prevenção da doença e a continuação da boa saúde. Posteriormente, como Esculápio foi vinculado à medicina e então, Higiéia foi vinculada à farmácia. A taça Higiéia representa atualmente a moderna farmácia, compõe-se de duas partes: a cobra e a taça. A cobra é denominada Serpente de Epidauro, um dos templos dedicado a Esculápio. Para as sociedades ocidentais e do oriente médio, a serpente simboliza a sabedoria, a imortalidade e a cura. [memoriadapharmacia.wordpress.com](http://memoriadapharmacia.wordpress.com) Capturado em 05/06/2009 18:00h

<sup>4</sup> O livro simboliza o conhecimento. Quando fechado significa que a matéria é virgem, conserva seu segredo. Já quando está aberto, significa que a matéria está fecundada, isto é o conteúdo foi tomado por quem o investigou. GHEERBRANT, Jean Chevalier Alan. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p.555

<sup>5</sup> A palma significa vitória, ascensão e imortalidade, a árvore simboliza a vida por sua verticalidade e ao mesmo tempo evoca as relações que se estabelecem entre o céu e a terra. Quando ela se quebra, se rompe o ciclo natural da vida. Já as flores simbolizam a instabilidade da criatura em ascensão. As rosas são as preferidas dos alquimistas, nas cores branca e vermelha evocam a pequena e a grande arte respectivamente. Geralmente possuem sete pétalas, cada uma evoca um metal ou uma operação da obra. *Ibidem*, p. 680, 85.

<sup>6</sup> Os engenheiros se organizavam em associações profissionais que cuidavam dos seus interesses. Tornaram-se os primeiros egressos de cursos superiores a se aglutinarem em associações classistas. A primeira associação formal de profissionais egressos de Universidades de que se tem notícia é o Instituto dos Engenheiros de Londres, fundado em 1840. Afonso Ariston Alves – Assessor Técnico de Engenharia Agrônômica e de Segurança do Trabalho do CREA-GO [alexronald.wordpress.com](http://alexronald.wordpress.com), capturado em 22/04/2009, 14: 05

<sup>7</sup> A medicina no Estado do Rio Grande do Sul não teve o papel de disciplinar a vida urbana e os médicos gaúchos entraram, inclusive, em confrontos frequentes com o Governo a respeito, principalmente, do livre exercício profissional. Pela Constituição Estadual de 1892, se estabelecia a separação dos poderes temporal e espiritual, assegurando a liberdade religiosa, de profissão e da indústria. O Regulamento da Diretoria de Higiene do Estado, aprovado em 1907, manteve a liberdade do exercício da medicina, até 1928. Naquele período, além da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, criada em 1898, chegou a ser instalada na capital gaúcha, no ano de 1914, uma faculdade que se propunha ao ensino da medicina homeopática. A Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, criada em fevereiro de 1915, surgiu como um desdobramento da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio Grande do Sul, absorvendo parte de seus alunos, além de ter herdado, por volta de 1918, o acervo patrimonial da extinta Faculdade de Ciências Médicas. [memoriadapharmacia.wordpress.com](http://memoriadapharmacia.wordpress.com) Capturado em 05/06/2009 18:00h

<sup>8</sup> Na placa consta a seguinte inscrição “A medicina foi para ele um sacerdócio que desempenhou com desvelo carinho e desprendimento.” Acervo de Imagens do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre – 2009 de propriedade de Egiselda Charão

<sup>9</sup> Ramiro Frota de Barcelos nasceu em Santiago e estudou no Colégio Militar de Porto Alegre. Em 1932, formou-se em medicina pela Faculdade Médica de Porto Alegre. Exerceu a profissão em Montenegro e São Leopoldo, onde foi chefe do posto de higiene do DES entre 1964 e 1967. Foi Diretor da 2ª Delegacia Regional Sanitária, com sede em Canoas, a partir de 1967. Membro da Academia. Sul-Rio-Grandense de Letras e da Estância da Poesia Crioula, em Porto. Alegre. Romancista e conferencista. Sócio do Rotary Clube de S. Leopoldo. (NUNES, 1993. p. 338).

<sup>10</sup> Nos anos 20 e 30, a elite brasileira, afirmava em diversos artigos publicados pela imprensa da época uma expressiva simpatia pelas doutrinas fascistas. Tais “influências internacionais” foram decisivas na construção de um imaginário político e propagandístico que caracterizou, em especial, o início do governo de Getúlio Vargas. (REGO, 2008).

<sup>11</sup> A Faculdade de Direito da UFRGS, fundada em 17 de fevereiro de 1900, com a denominação de Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre. Por seus bancos escolares passaram ilustres homens públicos nacionais, entre os quais Getúlio Vargas, Joaquim Maurício Cardoso, João Neves da Fontoura, João Goulart, Francisco Brochado da Rocha, Alberto Pasqualini. Sendo uma das mais tradicionais do país surgiu sob o impulso da modernização da sociedade e graças ao descortino da elite política gaúcha, sua história está estreitamente ligada à história republicana do Estado e do país. ([www.direito.ufrgs.br](http://www.direito.ufrgs.br) capturada em 10/06/2009 19: 22h)

---

<sup>12</sup> Não-lugar se define como o oposto de lugar, que é dotado de três características – identitário relacional e histórico, isto é carece de identidade, não relacional e é a-histórico . São espaços que não são em si lugares antropológicos e que não integram lugares antigos. Tem posições específicas, ou seja, como lugares de memória.(PINO, 2000, p. 94.).

### **Fonte Primária**

Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS, Imagens capturadas em maio de 2009.

### **Referências Bibliográficas**

BELLOMO, Harry Rodrigues. *Cemitérios do Rio Grande do Sul Arte, Sociedade e Ideologia*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2000.

CARTERI, Karin K., BARBOSA, Maria de Fátima C., DIAS, Lourdes M. S., WEILER, Simone. *Educação Patrimonial no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: o porquê*. <http://biblioteconomiaepatrimonio.blogspot.com/>

CHARTIER, ROGER. *A história Cultural entre práticas e representações*. RJ: DIFEL, 1987.

FRANCO, Álvaro, Org. *Porto Alegre – Biografia duma cidade. Livro comemorativo do Bicentenário da fundação da cidade*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.

GHEERBRANT, Jean Chevalier Alan. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

NUNES, Rui Cardoso. Org. *Tentos e Loncas*, Porto Alegre: AGE, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Narrativas Imagens e Práticas Sócias Percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RAMALHO, José R. SANTANA, Marco Aurélio. *Sociologia do Trabalho*. RJ: Zahar, 2004.  
PINO, del Pino. *Semiótica: Olhares* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

REGO, Daniela. Domingues Leão, *O Brasil em Marcha*. Duetto Editorial: Rio de Janeiro, 2008.

REIS, Jair Teixeira dos. *História do Trabalho e seu conceito*. <http://direito.newtonpaiva.br> capturado em 22/04/2009, 14:05.

SACRISRÁN, I. Alvarez, *Introduccion a la Sociologia del Trabajo*. Madrid: Paraninfo, 1971.

SCHWARTZMAN, S. et al. *Tempos de Capanema*. RJ: Paz e Terra; SP: Edusp, 1984.

### **Referências Eletrônicas**

alexronald.wordpress.com. capturado em 22/04/2009, 14:05

memoriadapharmacia.wordpress.com capturado em 05/06/2009, 18:00h

www.direito.ufrgs.br capturada em 10/06/2009 19:22h